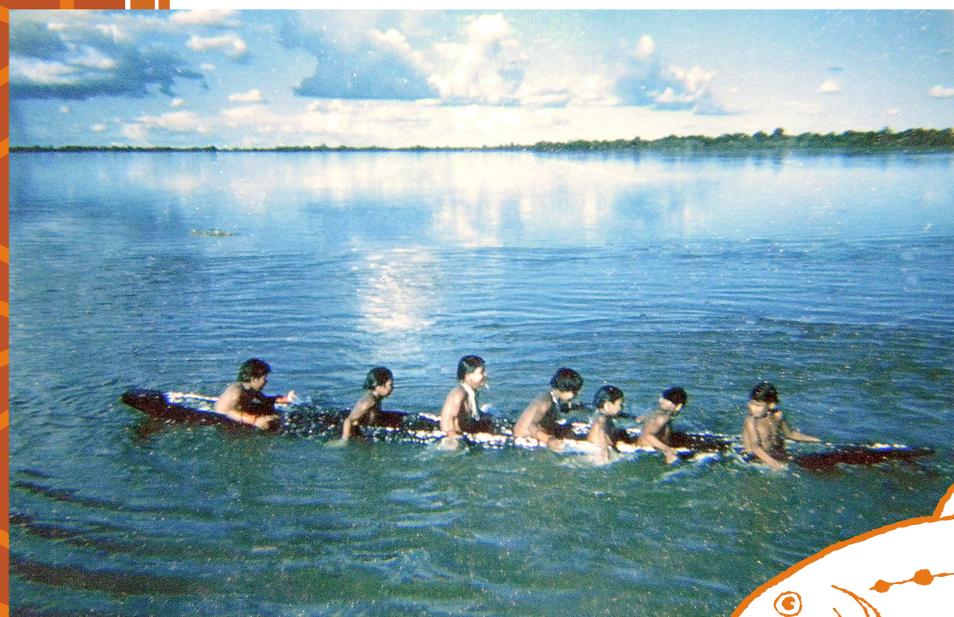


# OS KARAJÁ

## e o mito de origem

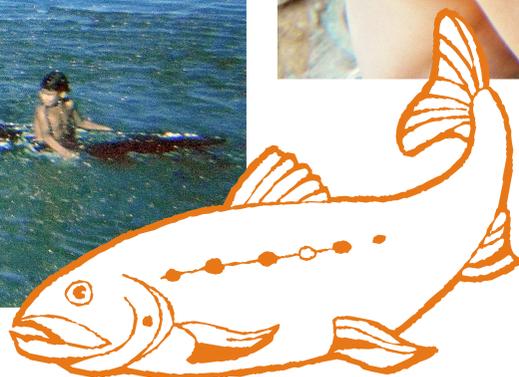


Os povos indígenas Karajá, com língua do Tronco Macro-Jê, são habitantes antigos dos vales dos rios Araguaia e Javaés. Sempre foram reconhecidos pela riqueza na arte e na estética, representadas na complexidade da plumária, da pintura corporal, da cestaria, de adornos em conchas, e, principalmente, da cerâmica, seja em vasilhames ou miniaturas.

Em 1954, Vladimir Kozák visitou a aldeia Santa Isabel, na Ilha do Bananal, hoje inserida no Parque Indígena do Araguaia. Filmou, em películas coloridas em 16mm, cerca de duas horas de cenas que podem ser qualificadas como narrativas únicas dos Karajá deste período, documentando rituais e atividades do cotidiano, inclusive a confecção e a aplicação de motivos decorativos na cerâmica Karajá.

Santa Isabel é uma aldeia típica Karajá, onde as habitações agrupam-se em duas linhas paralelas ao rio Araguaia, podendo ser estruturadas simbolicamente como o mito de origem: as casas de cima, as do meio ou de Aruanã, e as de baixo. Nesse mito a aldeia inicial ficava embaixo d'água, mas um jovem curioso quis conhecer as praias da Ilha do Bananal, e, encantado, trouxe outros para a superfície. Mortes e doenças surgiram, e eles tentaram retornar para a fria aldeia subaquática, mas não conseguiram. Então, decidiram se espalhar acima e abaixo no rio Araguaia formando três grandes grupos. Kynyxiwe, o herói mítico, ensinou-os a pescar e a realizar outras atividades para sobreviver. Este ser sobrenatural casou-se e foi morar na aldeia do céu, onde aprendeu a fazer roças.

Toda a organização do espaço e da sociabilidade Karajá está orientada em relação ao rio Araguaia e é dividida nesses três grupos, conforme o mito de origem.



Imagens: Vladimir Kozák

Texto: Claudia Inês Parellada, Maria Fernanda Maranhão e José Luiz de Carvalho

# RITUAIS E ARTE KARAJÁ

o domínio da natureza

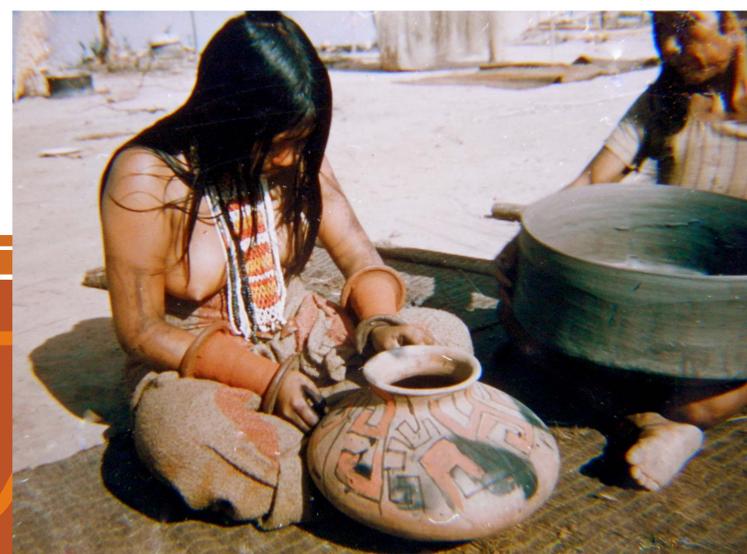


A passagem dos Karajá para a idade adulta era marcada pela tatuagem de um círculo em cada face: omarury, relacionado ao mito do sol e da lua. As marcas eram aprofundadas através de incisões com dentes de peixe, e em seguida recebiam uma tinta de jenipapo misturada com carvão.

A pintura corporal era diferente de acordo com a faixa etária e o gênero, homens ou mulheres, sendo frequentes as faixas e listras pretas em pernas e braços, e símbolos relativos à fauna concentravam-se em mãos, pés e cabeça. A cerâmica Karajá sempre foi conhecida pela riqueza estilística e por representar aspectos míticos e do cotidiano das aldeias. A argila, coletada, preparada, modelada e queimada, transformava-se em objetos com a linguagem e identidade visual destes indígenas.

Na atualidade, as bonecas cerâmicas, litkoxó, continuam sendo produzidas para presentear ritualmente as meninas Karajá que completam 5 anos de idade ou como artesanato para vender fora das aldeias.

As bonecas mais antigas, anteriores a 1940, eram menores, confeccionadas com argila crua e possuíam cabelos em cera de abelha. Depois de 1940 as miniaturas passavam por queima e, além das bonecas, reproduziam-se cenas do cotidiano e seres mitológicos, como a mulher de duas cabeças ou o jacaré abocanhando uma criança, permanecendo os padrões decorativos e a marcas Karajá no rosto dos bonecos: os dois círculos.



Imagens: Vladimir Kozák

Texto: Cláudia Inês Parellada, Maria Fernanda Maranhão e José Luiz de Carvalho